



*Um caso típico de cooperação  
entre organizações policiais,  
de que resultou desvendar-se um crime misterioso*

## Sem o Menor Indício

*Karl Detzer*

**P**OUCO ANTES das nove horas da manhã do dia do crime—4 de agosto de 1955—uma chuva fina começou a cair do céu côm de chumbo, em Kansas City, Estado de Misúri. Num salão de beleza, fazia o cabelo a Sr.<sup>a</sup> Wilma Frances Allen, de 34 anos, bonita espôsa do presidente de uma próspera agência de automóveis. Entre as 12h 25m e 12h 30m ela se retirou do salão, deteve-se ligeiramente à porta para cobrir a cabeça com uma *écharpe* e saiu para a chuva. O seu Chevrolet conversível estava num local de estacionamento próximo. A Sr.<sup>a</sup> Allen dirigiu-se apressadamente para êle.

Nunca mais foi vista com vida.

Consoante o que disseram tôdas as pessoas que estavam no salão de beleza, ela estava de ânimo alegre. Esperava jantar fora com o marido, à noite, e por isso mesmo fôra ao cabeleireiro. Enquanto esperava que o cabelo secasse, ela pedira à manicura que lhe mudasse o esmalte das unhas, dando a estas um tom que combinasse com o vestido bege que iria usar. O penteado e a pintura das unhas custaram-lhe cinco dólares, que ela pagou com um cheque de 30 dólares. Guardou o trôco na bolsa azul e desapareceu na chuva.

Os Allens eram um casal feliz e muito respeitado. Tinham dois filhos, um de nove e outrò de sete anos, e

viviam numa casa grande e moderna. Nenhum dos seus criados dormia em casa, mas a Sr.<sup>a</sup> Allen arranjava uma môça para ficar com as crianças naquela noite.

Às cinco horas da tarde o marido telefonou para lembrar-lhe o jantar planejado. Espantado com o fato de ela ainda não ter voltado para casa, passou uma hora comunicando-se com amigos para saber notícias da mulher. Ao anoitecer mandou os vendedores de sua agência saírem à procura do conversível. Não o encontraram. Já muito aflito, Allen chamou a polícia, que transmitiu pelo rádio um aviso de "procura-se pessoa desaparecida" e um pedido de informações relativamente ao automóvel.

Eram 2h e 10m da madrugada quando o guarda da radiopatrulha, Ronald Ehrhardt, descobriu o Chevrolet debaixo de um viaduto escuro, nas imediações da Estação Union. O motor estava frio, prova de que o carro estivera ali durante várias horas. Tinha as portas e a mala fechadas à chave. Os detectives arrombaram-nas e encontraram manchas de sangue no tapêto e nas almofadas da parte traseira do veículo. Alguém tentara limpar uma mancha de sangue deixada no friso cromado sob a porta dianteira esquerda. Em seguida os detectives abriram e revistaram a mala do carro, encontrando ali quase tôdas as peças de vestuário que a Sr.<sup>a</sup> Allen usava naquele dia. Estavam sujas de sangue e rasgadas. O dinheiro e as jóias, tôdas, haviam de-

saparecido, assim como o lenço e a bolsa azul. Nesse momento a polícia deixou de procurar uma mulher jovem e passou a procurar o cadáver de uma mulher jovem.

Os peritos descobriram várias impressões digitais latentes no automóvel, apagadas demais para terem valor. Havia também o que pareciam ser impressões de palmas, inúteis naquele momento por não haver um arquivo classificado de tais impressões para compará-las.

Ao amanhecer as autoridades tinham estabelecido apenas um pequeno fato útil para as investigações. Os Allens mantinham um registo do consumo de gasolina por quilômetro, e isso permitiu à polícia calcular que o carro havia percorrido de 95 a 100 quilômetros depois de deixar o salão de beleza.

A polícia traçou um círculo de 55 quilômetros num grande mapa. O círculo abrangia partes de dois Estados: Misúri e Kansas. A área cobria cêrca de 50 cidades, muitos subúrbios e algumas zonas rurais escassamente povoadas. Em algum lugar, dentro daquele círculo, conjecturaram os policiais, em algum lugar . . .

Pelas oito horas daquela primeira manhã após o crime 50 detectives de Kansas City trabalhavam no caso, e tôdas as autoridades policiais das regiões circunvizinhas tinham sido alertadas. A maioria dos policiais imaginava que fôra obra do que os jornais clamavam de um "tarado", e já agora em todo o país a polícia tivera ciência do ocorrido. Antes do anoite-

cer estava sendo realizada uma caçada de vastas proporções a todos os perversos sexuais. Por todo o continente, durante as semanas seguintes, foram detidos tipos condenáveis, interrogados e postos em liberdade. Um jornal calculou que, num dado momento, chegou a haver mais de 600 policiais inteiramente devotados ao caso.

Muitas possíveis pistas chegaram a Kansas City. Todas elas, até mesmo as mais inacreditáveis, tiveram de ser investigadas e reinvestigadas. A primeira brecha surgiu na noite de sábado, dia 6 de agosto. Já no fim da tarde, Richard Taylor, um fazendeiro de Kansas, dirigia um trator pela auto-estrada, uns 40 quilômetros ao sul de Kansas City, quando viu uma bolsa azul na vala à beira da estrada. Ele não parou. Mais tarde, ouvindo notícias pelo rádio, soube que estava sendo procurada a bolsa da Sr.<sup>a</sup> Allen, e então mandou que o filho, um rapazinho, voltasse para procurá-la. O rapaz encontrou-a, vazia, e Taylor comunicou o fato ao xerife. A bolsa foi imediatamente identificada como sendo a da Sr.<sup>a</sup> Allen.

Na manhã seguinte outro fazendeiro, Clifford Erhart, e seu filho Milton percorriam na sua camioneta estradas de pouco trânsito, à procura de uma vaca perdida e seu bezerro. Na estrada de Tibbetts, a uns dez quilômetros e meio da vala onde a bolsa fôra encontrada, eles deram com uma porteira aberta. A porteira dava para uma baixada úmida, ocul-

ta da estrada por árvores e arbustos. Pensando unicamente nos animais extraviados, eles entraram. Mas quando atravessavam o campo, aos solavancos, o jovem Milton apontou para algo e gritou:

—Que é aquilo?

—Estava um pouco distante—contô Erhart.—Mas eu vi logo o que era. Nós nem paramos; apenas demos a volta e dirigimo-nos ao telefone mais próximo para chamar o xerife. Ele veio logo.

O cadáver estava nu. A Sr.<sup>a</sup> Allen tinha as mãos atadas às costas com a *écharpe*. Recebera dois tiros na nuca. As jóias, até mesmo a aliança de casamento, haviam desaparecido. Imediatamente a polícia isolou o local, mas a chuva lavara todos os vestígios. Não restava uma só pegada ou marca de pneu.

Entre as primeiras pessoas que chegaram ao local encontrava-se um agente do F. B. I. (Bureau Federal de Investigações). A prova de que a vítima fôra transportada do Estado de Misúri para o de Kansas colocava o caso dentro da jurisdição do F. B. I., o qual, pela lei dos Estados Unidos, não pode intervir a não ser que sejam atravessadas as fronteiras dum Estado ao ser cometido o crime. Agentes de diversas repartições convergiram para Kansas City. Foram mandados peritos para lá, de avião. Consultaram-se de novo os fichários em busca de alguma informação casual que pudesse ligar aquêl crime a outro crime de violência.

Contudo, apesar da perfeita coope-

ração entre os órgãos federais, estaduais, municipais e rurais, a polícia não conseguiu encontrar um único indício. O público, assustado, exigia uma rápida solução para o caso. As organizações policiais trabalhavam febrilmente . . . às cegas.

O exame cadavérico levantou dúvidas sobre a teoria do crime praticado por perversão sexual. Afirmaram os legistas ser duvidoso que a vítima tivesse sido violentada. Sendo assim, como explicar o corpo nu e as vestes rôtas e ensangüentadas na mala do carro? A polícia recorreu a psiquiatras, para obter dados sobre o tipo de delinqüente que pudesse estar envolvido no caso. Isso não levou a coisa alguma. E enquanto as investigações se arrastavam, dia após dia, noite após noite de vigília, as manchetes dos jornais reduziram-se às palavras já muito repetidas: SEM O MENOR INDÍCIO!

As polícias da maioria das cidades dos Estados Unidos sempre cooperaram umas com as outras, mas até há poucos anos essa cooperação era de efeitos fortuitos. Hoje, com a vasta rede do F. B. I. cobrindo todos os Estados Unidos e dispondo de uma repartição central aonde são levadas as notícias de todos os crimes sérios e dos criminosos procurados pela polícia, as autoridades locais confiam cada vez mais no auxílio que o Bureau pode prestar na solução dos problemas mais intrincados. Mesmo quando o F. B. I. não pode intervir diretamente num caso, os seus arquivos e laboratórios estão prontos a

ajudar todos os mantenedores da lei, e isso constitui um auxílio inestimável para as autoridades locais. Por exemplo:

Detalhes do crime A, praticado em Seattle, e do crime B, ocorrido em Miami, são levados à triagem, em Washington, e é possível que, de início, pareçam não ter qualquer relação entre si. Mas quando se acrescenta o crime C, de Chicago, talvez algo tome corpo, e os fatos reunidos indiquem uma solução. Foi o que aconteceu no caso de Kansas City.

Em 31 de agosto, quatro semanas depois do homicídio, um indivíduo suspeito de roubo, que se acreditava fôsse um ex-condenado da Califórnia chamado Arthur Ross Brown, de 30 anos de idade, deu dois tiros num xerife de Wyoming, ferindo-o gravemente, quando êste ia prendê-lo. O criminoso escapou.

Brown, que era filho de boa família, fôra acusado, aos 14 anos, de ter forçado uma jovem, de arma em punho, a entrar num automóvel, levando-a para as montanhas, onde a môça o convenceu a levá-la de volta para casa. A sua fôlha de antecedentes registrava outras prisões: outro rapto de mulher, à mão armada, e duas prisões em flagrante por furto de roupas íntimas de quartos de mulheres. Contudo, nada em sua fôlha mostrava que algum dia houvesse estado em Kansas City. Êle era casado, mas desconhecia-se o paradeiro de sua espôsa.

Pouco depois de ter atirado no xerife, Brown furtou um automóvel

em Sheridan, Estado de Wyoming, e dirigiu-se nêle para Rapid City, no Estado de Dacota do Sul, onde assaltou uma casa de bebidas. Mais tarde, identificaram-no por fotografias. A partir de então êle roubou uma série de automóveis, em vários Estados, um dos quais foi recuperado em Omaha, Estado de Nebraska, encontrando-se nêle as suas impressões digitais, não porém a da palma da mão. Depois, um homem, cujos traços correspondiam à descrição que dêle se fazia, assaltou armazéns de bebidas em Pensacola, Flórida, em El Paso, Texas, e em Evansville, Indiana. Em todos os casos, a vítima foi sempre uma empregada, surpreendida sòzinha no interior da loja.

Nesse meio tempo, o F. B. I. e a polícia da Califórnia mantinham sob severa vigilância as residências dos parentes e amigos de Brown. Mas ainda não o ligavam ao caso Allen. Êle estava sendo procurado por ter ferido à bala o xerife do Wyoming e fugido, cruzando uma fronteira estadual.

Até que, no dia 9 de novembro, um chefe de família apavorado telefonou à polícia de Kansas City e ao escritório local do F. B. I. Uma vizinha, disse o interlocutor, fôra visitada pelo marido, de quem estava separada, o qual a obrigara, sob ameaça de arma, a acompanhá-lo no seu carro.

Como se chamava a mulher? Sr.<sup>a</sup> Arthur Ross Brown.

Imediatamente foi ençetada uma busca—mas sem resultado. Quatro

horas depois a Sr.<sup>a</sup> Brown voltou para casa, mas tão transtornada que estava incoerente. Brown havia escapado novamente. Desta vez fugiu para a Califórnia, exatamente como o F. B. I. havia previsto.

Elementos da polícia local e agentes do F. B. I. entrevistaram todos os membros da família de Brown, onde quer que vivessem, e tôdas as pessoas com as quais se sabia que êle tivera contato. A mãe dêle, mulher temente a Deus e de hábitos morigerados, que vivia em San José, na Califórnia, estava convencida de que o filho era um louco, e suplicou aos policiais que o prendessem antes que êle pudesse praticar outros desatinos. Ela prometeu cientificar as autoridades, se tivesse notícias dêle. E assim fêz, no dia 13 de novembro.

Na noite dêsse dia ela julgou ter visto alguém rondando-lhe a casa, e daí a pouco o filho lhe telefonou. Êle tentara avistar-se com ela, segundo disse, mas fugira, temendo uma cilada. Agora ia matar-se. Dito isso, êle desligou o aparelho. A mãe aflita telefonou para o F. B. I., que entrou imediatamente em ação.

Vários agentes correram a vigiar atentamente a casa da mãe do criminoso. Outros se dirigiram para a casa de um tio, que êle tinha em Oakland, e para a de uma tia, em São Francisco. Um carro estacionado numa rua escura, nas proximidades da casa dessa tia, logo lhes chamou a atenção. Um agente acercou-se do carro, sem ser pressentido, e viu um homem no banco da frente, com o

rosto oculto por um cobertor, aparentando estar dormindo. Os vidros do carro estavam suspensos e as portas trancadas. O agente retrocedeu. Podia ser Brown, ou podia ser alguém curtindo um pileque, a dormir. Nesse instante passou um carro da radiopatrulha local, que dirigiu a luz do seu farol manual para a casa ocupada pela tia de Brown, e prosseguiu na sua marcha. Os agentes do F. B. I. seguiram-no. Cedo, naquele mesmo dia, contaram os integrantes da radiopatrulha, a tia de Brown dera notícia da presença de alguém que lhe rondava a porta. Eles tinham ido ao local, mas nada encontraram. Agora tinham ido certificar-se de que o estranho não voltara.

A polícia local pediu o concurso de uma segunda guarnição da radiopatrulha, e, quando esta chegou, oito agentes—quatro da polícia local e quatro da polícia federal—cercaram em silêncio o homem adormecido. Fazendo convergir sobre ele as luzes de três faróis manuais e seis lanternas elétricas, os policiais ordenaram-lhe que saísse do carro. Tonto, o homem obedeceu. Os policiais examinaram sua fisionomia soturna. Estava encerrada a busca de Brown.

Os agentes encaminharam incontinenti o detido para a sua repartição, onde logo lhe tomaram as impressões das palmas das mãos. Em seguida começou o interrogatório. Brown admitiu ter praticado alguns assaltos, negou outros, caiu em contradições. Confessou a sua mania de lidar com peças íntimas do vestuário feminino.

Mencionaram os tiros de que fôra vítima o xerife de Wyoming, e o caso Allen. Brown começou negando, mas acabou dizendo a verdade. Fôra ele quem atirara no xerife, em Sheridan?

—Sim—admitiu.

Depois acrescentou:

—Mas onde eu estou mesmo sendo procurado é em Kansas City.

Antes de amanhecer ele havia contado toda a horrível história. O motivo, insistia, fôra o roubo. Ele nunca vira a sua vítima até ao instante em que ela saiu do salão de beleza.

—Eu estava procurando alguém para assaltar—explicou.—Ela parecia rica.

Quando ela entrou no carro, no local de estacionamento, ele entrou e sentou-se ao seu lado, apontando-lhe um revólver. No longo trajeto, ele foi ditando o itinerário. Ela implorou-lhe, falou nos filhos. Ele “teve a sorte” de encontrar aberta a porteira do pasto. Ali ele a despojou das roupas—para impedir que a identificassem, explicou, sem muita lógica—e apoderou-se do dinheiro e das jóias dela. Depois, enquanto ela, encolhida no soalho do carro, lhe pedia piedade, ele deu-lhe um tiro na nuca. Em seguida, tendo-a arrastado para o terreno encharcado, deu-lhe um outro tiro, tentou limpar com as roupas o sangue que respingara no automóvel, guardou as roupas na mala e voltou de carro para a cidade.

Levado para Kansas City, Brown recusou-se a alegar insanidade mental, e os psiquiatras que o examina-

ram por determinação judicial o declararam mentalmente são. Um júri composto de 12 homens declarou-o culpado. Condenaram-no a morrer na câmara de gás da prisão estadual de Misúri. Pouco depois da meia-noite do dia 24 de fevereiro de 1956 foi cumprida a sentença.

Assim terminou um caso típico de ampla colaboração policial. Trabalhando em conjunto, coordenando os seus esforços largamente dispersos, em 101 dias os agentes da lei desvendaram um mistério sem pistas para as investigações e entregaram à justiça um assassino cruel.



### *Frases Pitorescas*

*Escute!* Um telefone vibrando de antecipação (J. H. Miller) . . . Persianas batendo os dentes ao vento (Mike Mcgrath) . . . Gatos trocando insultos em diferentes frequências (Gilbert R. Payson) . . . Mocinhas falando a quatro risadinhas por frase (W. L. Mcleod) . . . Conversação grudada com expressões viscosas de carinho (E. Crenshaw)

*Primeiras Impressões:* Discutir com ela era a mesma coisa que tentar apagar uma lâmpada elétrica com um sôpro (Stewart Thompson) . . . Tão afetada que não consegue dizer "olá" sem coreografia (Matt Weinstock, em *Mirror News* de Los Angeles) . . . Seu rosto estava amarrotado, como se êle tivesse dormido a noite inteira sôbre seus pensamentos (Hildegarde Dolson) . . . Tinha paixão por chapéus, nenhum dos quais correspondia ao seu afeto (Storm Jameson)

*Conversa Fiada:* A vida é uma longa batalha de inteligências . . . e há tanta gente corajosa que trava essa batalha desarmada! ("Hector", em *News Chronicle* de Londres) . . . Extravagância é qualquer coisa que compramos que não tem nenhuma utilidade para a nossa espôsa (Franklin P. Jones, em *Ladies' Home Journal*) . . . Nos Estados Unidos podemos dizer o que pensamos, e mesmo que não pensemos podemos dizê-lo assim mesmo (Charles F. Kettering, em *Coronet*) . . . A julgar pela maneira como as pessoas vêm procedendo ultimamente, devem estar pensando que o inferno agora tem ar condicionado (Paul D. Curtis)

*Amor e Casamento:* São as boas môças que escrevem diário; as más nunca têm tempo (Tallulah Bankhead, em *Look*) . . . A sogra é um juiz que torce por um dos lutadores (E. E. Kenyon, em *The American Weekly*) . . . Os homens não casam mais com cinco contos por mês: a môça precisa ganhar pelo menos o dôbro disso (*The Wooden Barrel*)